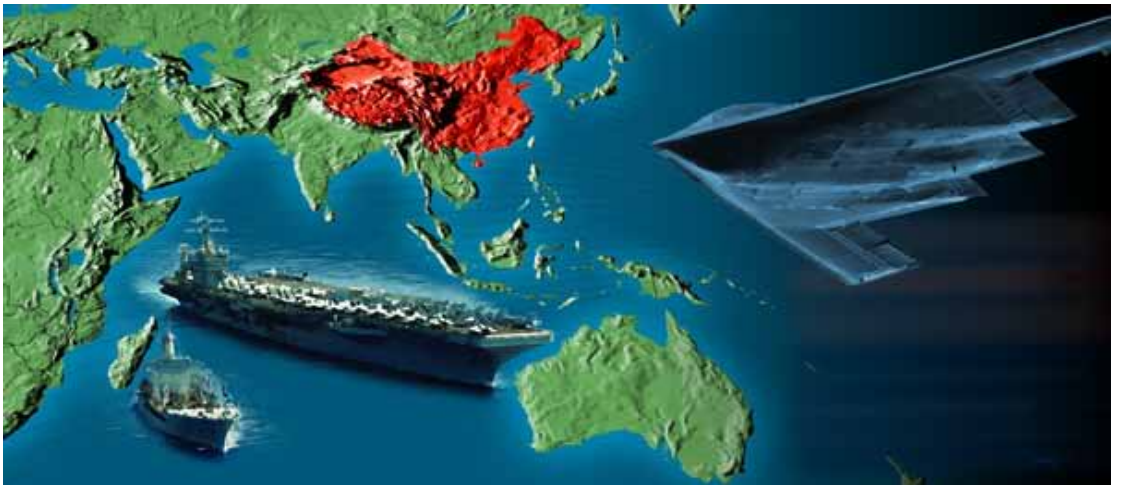
O Fator Austrália na Estratégia do Pacífico Ocidental

Liao Kai, Analista de Defesa
Instituto de Pesquisa em Defesa *Knowfar*, China



Recentemente, as disputas no Mar da China Meridional *[South China Seas – SCS]* ocuparam o centro do palco. Os Estados Unidos fizeram várias tentativas para influenciar as disputas Sino-Filipinas e Sino-Vietnamitas. Em inúmeras ocasiões, os líderes políticos e militares declararam a intenção de defender os interesses norteamericanos e expandir a esfera de influência no Pacífico Ocidental. Da mesma forma, as Forças Armadas norteamericanas engajaram os aliados asiáticos do Pacífico, inclusive ex-inimigos, em uma série de exercícios militares conjuntos. A China, categoricamente, opõe-se à qualquer tentativa de internacionalizar as disputas *SCS*. Deseja solucioná-las por intermédio de negociações bilaterais. O envolvimento dos EUA, em si, é visto como desafio a seus interesses e interferência em seus assuntos nacionais e internacionais. A Austrália não deixou clara sua posição. No entanto, enviou tropas ao exercício militar conjunto

(EUA e Japão) no Mar da China Meridional. Há pouco tempo, a Austrália permitiu que Força de Fuzileiros Navais norteamericanos permanecesse de forma permanente em uma de suas Bases no Litoral Norte. A probabilidade é que a China interpretará esses eventos como cooperação com os EUA para que consigam *apertar* o "cerco de ilhas".

Em primeiro lugar, este estudo identifica o cenário estratégico ao redor e além do *SCS*. Logo após, estuda o raciocínio norteamericano por detrás do conceito *Air-Sea Battle*. Passa, então, a entrar em maiores detalhes, a fim de analisar o fator Austrália no jogo *Air-Sea Battle*, bem como as dificuldades que apresentam à China. Finalmente, propomos um curso de ação que a China poderá tomar para tratar da situação em evolução.

Os Interesses da China no Mar Meridional

A fim de calcular como evoluirão as disputas, devemos compreender como a China percebe as mesmas, onde jazem seus interesses e se são de natureza geral ou básica.

Em primeiro lugar, a China declara soberania sobre a maior parte da área *SCS*, inclusive as Ilhas *Nansha* (Spratly). No entanto, essa declaração não é apoiada pelas nações rivais vizinhas. Na verdade, as disputas de soberania existem já há muitos anos. Após a descoberta de enorme reserva de recursos estratégicos pré-sal (e sub-sal) no *SCS,* rapidamente, as disputas tornaram-se voláteis. Em segundo lugar, as Ilhas *Nansha* ladeiam a passagem da China ao Oceano Índico através do Estreito de Málaca. Aqui, a ramificação é dupla: (1) Economicamente, o mercado chinês depende, em grande parte, desta linha marítima. Especificamente, cerca de 50% do petróleo importado pela China é obrigado a passar por Málaca. (2) Estrategicamente, se o conflito entrar em erupção, especialmente se o Estreito de Málaca for bloqueado, a China perderá grande parte do suprimento de energia, bem como exportação mundial, o que, por sua vez, estrangulará seu desenvolvimento. Finalmente, a área *SCS* é um dos elos na denominada "primeira cadeia de

ilhas" que circundam a China. Se não conseguir romper essa cadeia, efetivamente será bloqueada de navegar o Oceano Índico, e além, até o Pacífico Meridional. De acordo com o Washington Post, Dai Bingguo, um dos Conselheiros da China, assinalou a área *SCS* como de interesse fundamental ao país em sua reunião de maio de 2010 com a Secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton.[1] A mídia oficial da China não confirmou a reportagem. Contudo, não há dúvida de que a área SCS afeta os interesses básicos da China. Em outra ocasião, o Almirante Mullen, ex-Chefe do Estado-Maior Conjunto dos Estados Unidos ouviu seu par chinês, o Chefe do Estado-Maior do *PLA*, Gen Chen Bingde dizer: "A China, juntamente com os países vizinhos, possui a sabedoria e a capacidade de lidar de maneira apropriada com as disputas referente à *SCS*. Não é necessário que os Estados Unidos se preocupem com isso. Menos com que se preocupar".[2] Obviamente, o Gen Chen estava dizendo para os EUA não meterem o nariz nas disputas referentes à área *SCS*.

Os Interesses Norteamericanos no Mar da China Meridional e sua Possível Intervenção

Desconsiderando as repetidas advertências, os EUA estão determinados a permanecer envolvidos. A China vê que esse envolvimento só complica a situação, escalando e não diminuindo o risco. Quais são os interesses dos EUA nessas disputas ou em sua resolução? De que maneira continuarão seu envolvimento?

Geralmente, as Forças Armadas e os laboratórios de ideias *[Think Tanks]* dos EUA, consideram o Mar da China Meridional essencial aos seus interesses básicos no Pacífico Ocidental.[3] Durante sua visita a Hanoi em 2010, a Secretária Hillary Clinton observou que "os Estados Unidos (…) possuem interesse em livre navegação, livre acesso ao território comum da Ásia, bem como respeito ao Direito Internacional no Mar da China Meridional."[4] No entanto, o que os EUA proclamam ser "livre navegação" a China sempre interpreta como "livre espionagem", onde as Forças Armadas norteamericanas conseguem manobrar livre-

mente ao longo da costa chinesa para compilar inteligência e monitorar as atividades militares nos céus e mares. Também baseados em defesas dessa "livre navegação", os EUA e seus aliados, estão formando um cerco cada vez mais apertado na primeira e segunda "cadeia de ilhas". A fim de conter a expansão da China ao Pacífico Ocidental, ao longo dos anos, o governo dos EUA, juntamente com suas forças militares, progressivamente sistematiza a estratégia. A mais atualizada e sistemática é o conceito da Batalha Aérea Marítima *[Air-Sea Battle]*. O estabelecimento oficial do Gabinete *[Air-Sea Battle Office – ASBO]* no Pentágono no dia 9 de Nov, 2011 foi a última etapa para colocá-lo em operação.

Perspectiva Chinesa da Batalha AeroMarítima

A China conseguiu manter o ritmo de crescimento desde a reforma econômica de 1978. Seu poder, nacional e militar, continua a expandir. Em anos recentes, a China alcançou o segundo lugar em gastos militares mundiais. Intrépida, devido ao poder econômico e militar, está cada vez mais confiante na gestão de assuntos internacionais e de sua própria defesa nacional. Como evolução lógica, não perdeu tempo em definir e expandir os interesses nacionais, munida de estratégia de defesa mais dinâmica. De acordo, participou ativamente em patrulha e envio de comboios ao Golfo de Adem e em atividades da manutenção de paz para as Nações Unidas. Também notável é o fato de que a China está rapidamente aperfeiçoando sua frota de submarinos e navios, tanto em número como em qualidade, bem como atualizando os mísseis anti-navios, como denota seu último modelo *DF-21D*. Em geral, tais empreendimentos são vistos como aumento de capacidade de dissuasão e anti-acesso e denegação de território *(A2/AD)* no Pacífico Ocidental. Como é de se esperar, a superpotência atual sente a pressão e começa a se preocupar com o fato de que seus interesses nacionais marítimos e ao longo da periferia da China estão sendo ameaçados. As Forças Armadas norteamericanas crêem que o *PLA* está posicionado para ameaçar a liberdade de ação dos EUA em várias frentes: especifi-

camente, as Bases militares norteamericanas no Japão e Guam não mais estão seguras; é possível que as forças norteamericanas não consigam deter as forças do *PLA* nas áreas do Pacífico Ocidental; o *C2* espacial dos EUA e recursos de reconhecimento sobre o Pacífico Ocidental também estarão em risco de ataque.[5] Para combater a China no Pacífico Ocidental foi proposta uma série de estratégias *A2/AD*.

Entre elas, o conceito *AirSea Battle*, supostamente desenvolvido pelo Centro de Avaliações Estratégicas e Orçamentárias *[Center for Strategic and Budgetary Assessments]* atraiu a maior parte da atenção. Eventualmente, as Forças Armadas norteamericanas adotaram as ideias desse conceito. Seus aliados asiáticos principais apoiaram a medida. Esta estratégia pressupõe que durante um conflito China-EUA no Pacífico Ocidental, as forças do *PLA* possuiriam a capacidade de *A2/AD* para atacar as Bases norteamericanas em Guam e Japão, a fim de travar guerra cibernética em escala total e destruir os "olhos e ouvidos" das forças norteamericanas através de mísseis anti-satélite e ciberataques, denominados *"assassin's mace"*. Após estudar o do *PLA*, tomando emprestado o conceito *"AirLand Battle"* cunhado pelas forças militares norteamericanas durante a década de 80, os peritos norteamericanos em estratégia formularam o *AirSea Battle* que exige combinar os poderes aeromarítimos em força coerente, utilizando os aliados asiáticos em funções importantes. Sob tal conceito, a primeira fase da operação militar norteamericana seria apoderar-se e manter a iniciativa durante a primeira onda de ataques de apropriação de território pelo *PLA*. Na segunda etapa de operações convencionais as forças militares norteamericanas rapidamente "cegariam" os sistemas cibernéticos e de comunicações do inimigo, a fim de impedir as tentativas *A2/AD* do *PLA*. A *AirSea Battle* coloca em prática os seguintes objetivos:

- Cegar o adversário
- Defender as bases de defesa e recursos militares prioritários
- Campanha de supressão contra as forças terrestres de mísseis balísticos e de cruzeiro de médio alcance

- Atacar os sistemas de comando e controle, vigilância de ampla área e defesa aérea do PLA
- Atacar a capacidade [superfície/submarina]
- Exercer grande pressão na economia, sociedade e liderança da China[6]

Em maio de 2010, o ex-Ministro de Defesa, Robert Gates, observou que "o acordo entre a Marinha e a Força Aérea de desempenho conjunto no conceito *AirSea Battle* é uma evolução positiva, com a possibilidade de beneficiar o poder de dissuasão militar no início do Século XXI, do mesmo modo como o fez a *AirLand Battle* no final do Século XX"[7]. Em outubro de 2010, em uma das reuniões anuais entre o Ministro do Exterior da Austrália e o Ministro de Defesa, Gates comprometeu-se a aumentar o destacamento militar norteamericano à Austrália e reforçar os vínculos de defesa EUA-Austrália.[8] Apenas um ano após, esses dois países anunciaram que a Austrália forneceria uma Base permanente em sua costa Norte, a fim de abrigar um destacamento de Fuzileiros Navais norteamericanos.[9]

A Estratégia de Defesa Australiana e sua Função na *AirSea Battle*

A Austrália e os Estados Unidos, ambos estabelecidos por descendentes que compartem as mesmas raízes anglo-saxônicas, possuem cultura e ideologia quase idênticas. A Austrália, por muito tempo, continua sendo a aliada norteamericana principal na região Pacífico-Asiática, de acordo com o Tratado Austrália-Nova Zelândia-Estados Unidos *(ANZUS),* assinado há mais de 60 anos atrás. Em todas as guerras travadas pelos EUA fora do país, a Austrália ofereceu seu apoio incondicional. Além do mais os australianos atribuem a paz na região, durante as últimas décadas, principalmente à força estabilizadora oferecida pelos Estados Unidos. Por sua vez, em 2003, o ex-Presidente George W. Bush considerava a Austrália o "sherife" do Sudeste da Ásia.[10] Esses vínculos

tão íntimos entre essas duas nações fazem com que a China permaneça bem atenta à orientação estratégia australiana. Embora a China e a Austrália de forma alguma representem mútua ameaça e não possuem conflitos de grande interesse, de certa forma a Austrália considera a China como possível ameaça à sua segurança nacional. Além do mais, a China suspeita o *ANZUS* e cogita como reagiria a Austrália em possível conflitos entre a China e os Estados Unidos. Sem dúvida, a China compreende que em qualquer futuro conflito entre a China-EUA, a atitude da Austrália seria crucial. Sem prestar atenção à vigilância da China, a Austrália continuamente identifica-se como aliada íntima dos Estados Unidos. Por exemplo, o Ministro de Defesa da Austrália, Stephen Smith, em recente discurso no *Brookings Institution* assegurou à audiência, uma vez mais, que a "Austrália é Aliada valiosa. Não somos consumidores da segurança norteamericana, impondo difíceis opções às forças armadas e diretrizes públicas norteamericanas." No entanto, o Ministro concluiu seu discurso, declarando com determinação: "Contribuímos substância e o fazemos do ponto vantajoso de respeito e não dependência".[11] Dessa declaração, infere-se que a Austrália deseja agir como nação independente, com diretrizes de segurança e de assuntos exteriores independentes, e não como nação que segue os Estados Unidos às cegas. A Austrália opta em alinhar-se aos EUA devido a seus interesses nacionais. Por conseguinte, como esse país, de sua perspectiva independente de estratégia e defesa, percebe a China? E como o fator Austrália – ou o papel que desempenha, afeta a China – tanto geoestratégica como militarmente?

Como sugere o título do comunicado de defesa oficial do governo de 2009 – *Defending Australia in the Asia Pacific Century: Force 2030*, a Australia está ciente de que o futuro de sua perspectiva estratégica será moldado pela distribuição global e regional de poder político, econômico e militar; pela transformação de relações principais de poder na região do Pacífico Asiático, especialmente a ascensão da China e pelas suas relações com os Estados Unidos.[12] Economicamente, a China é seu parceiro mercantil número um. Em outras palavras, a economia australiana está intimamente vinculada a esta relação. Desde o início

do Século XXI, a Austrália desfrutou de sólido comércio de exportação em ouro, carvão, minérios e muitos outros recursos, em grande parte, graças ao rápido desenvolvimento econômico da China e contínua demanda de recursos. Por outro lado existem grandes lacunas em muitas áreas, entre ambos, especialmente em sistemas culturais e políticos. Aumentaram durante os últimos dois anos, após a China encarcerar empregados do *Rio Tinto*, uma empresa de mineração britânico-australiana, acusados de corrupção e espionagem. A falta de confiança aumentou ainda mais, após os furos de *WikiLeaks* com a revelação de que o ex-Primeiro Ministro australiano, Kevin Rudd, aparentemente disse à Secretária de Estado, Hillary Clinton "para estar preparada a utilizar força contra a China".[13] A Austrália certamente possui um dos maiores territórios marítimos do mundo. Assim, a liberdade marítima é de suma importância à economia e segurança australianas. Proclama a jurisdição de mais de 27.2 milhões de quilômetros quadrados (50% é "sobre o oceano ou mar"), ou seja, 5% do planeta Naturalmente, a Austrália deve defender e expandir seus interesses nacionais através dos mares.[14] Um país com enormes reservas de recursos naturais, sendo suas únicas vulnerabilidades inerentes à falta de água e de população, resultando, comparativamente, em frágil poder econômico, político e militar. Consequentemente, os australianos parecem não possuir confiança suficiente de que podem, sozinhos, defender seu vasto território e os recursos sob sua jurisdição.

Em contraste marcante, a China é um país superlotado, faminto por recursos e não muito distante da Austrália. Os australianos vigilantes, por conseguinte, não podem deixar de se preocupar de que em dia incerto, quando a China conseguir liberdade de ação no Mar Meridional, poderá talvez expandir para chegar um pouco mais perto da Austrália, apresentando ameaça iminente à sua segurança nacional. Um enquete popular revela que 55% dos australianos consideram a China o maior poder econômico do mundo. Ao mesmo tempo, 57% crê que "o governo australiano está permitindo à China demasiado investimento". Em outras palavras, a maioria dos australianos está preocupada com a inundação de investimentos provenientes da China. 44% pensa que "a

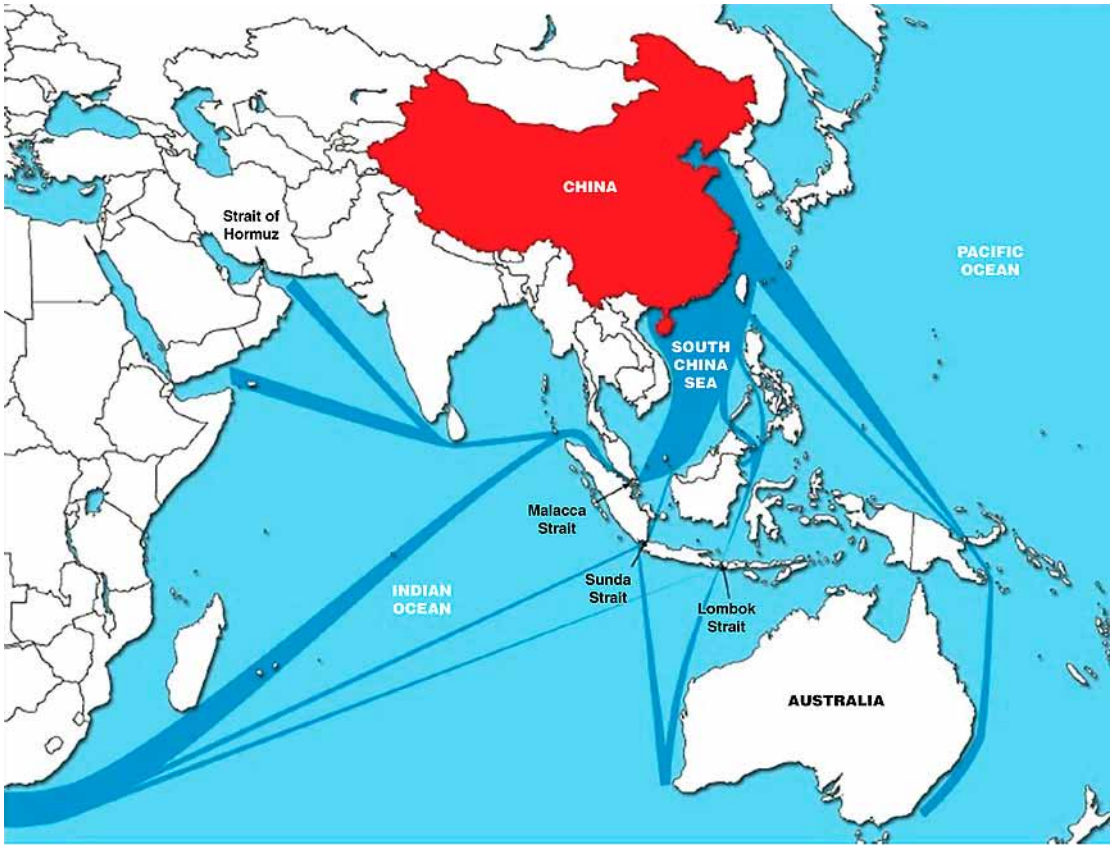
China virá a ser ameaça militar à Austrália dentro dos próximos 20 anos" enquanto que 55% discorda. Embora muitos analistas australianos compreendam a importância da China para a economia e o mercado australianos, bem como para o anti-terrorismo global, quando se trata de discutir a ascensão da China, sua apreensão aumenta ainda mais.

Assim, notamos que economicamente a Austrália já está interconectada à China. Contudo, psicologicamente sua população está dividida a respeito de como se sente a respeito dos chineses. Geologicamente, a Austrália está posicionada onde o Oceano Índico junta-se ao Pacífico Ocidental. A costa noroeste da Austrália quase toca a margem do Oceano Índico, além do qual jaz o Mar da China Meridional. Ao estabelecerem dependências conjuntas ou combinadas na Austrália, os EUA ganham ainda outra Base avançada. Esta Base, comparada ao distante Havaí, facilita a logística em evento de conflito na área *SCS*. Também importante, quando comparada ao Japão e Guam, a Austrália está fora do alcance da maioria dos ataques de mísseis terrestres ou marítimos do *PLA*. A Base na Austrália, não só facilita a operação das forças norteamericanas destacadas a conflitos na área *SCS*, mas também desempenhará papel importante durante possível conflito no Oceano Índico. Estrategicamente localizada, bem no interior do país, combinada à afinidade natural aos EUA e à suspeita psicológica para com a China, a Austrália é uma aliada norteamericana ideal. Na estratégia norteamericana para o Pacífico Ocidental e o Oceano Índico e particularmente tratando-se da China, a aliança Austrália-EUA só tende a continuar sendo mais íntima e importante. Jan Van Tol, em seu livro de 2010, *AirSea Battle*, indica claramente que o *"AirSea Battle* não é somente um conceito norteamericano. Os aliados, tais como Japão e Austrália e possivelmente outros, devem desempenhar importantes papeis facilitadores, a fim de sustentar um equilíbrio militar estável" (grifo original).[16] Nesta proposta *AirSea Battle*, espera-se que a Austrália forneça aos EUA a profundidade estratégica para obter o comando dos mares, apoio às forças norteamericanas em suas operações no Oceano Indico

Oriental e Mar da China Meridional, ajudando as forças dos EUA a desviar alguns ataques do *PLA*.

Na eventualidade da deflagração de conflito entre a China e os Estados Unidos, é bem provável que a relação mercantil da China com os EUA e o Japão diminuirá de forma dramática. O enfoque das forças militares dos EUA seria interromper o comércio da China no exterior, inclusive estrangular Málaca e alguns outros estreitos dentro do território da Indonésia, a fim de evitar que a China ganhe acesso ao Oceano Índico. O bloqueio do Estreito de Málaca não é difícil. Isso forçaria a China a remapear sua linha de transporte marítimo ao sul, através do Estreito de Sunda ou Lombok, ambos situados no noroeste da Austrália (ver figura na próxima página). Por coincidência, os leitores cuidadosos também notarão naquele mesmo comunicado mencionado acima que a Austrália incrementou suas medidas de segurança. Embora a abordagem anterior exigisse somente a garantia do território marítimo, os líderes militares australianos adotaram a estratégia de dupla denegação, tanto para o ar como para o mar. Além do mais, seu âmbito estratégico agora também abrange o Oceano Índico oriental.[17]

Um grupo influente de analistas australianos de defesa aplaudem o conceito da *AirSea Battle*. Os artigos publicados pelos pesquisadores australianos em assuntos militares e de defesa, durante os últimos anos, coincide com o desenvolvimento de defesa australiano, revelando que o país está aumentando o ritmo de preparativos militares para *AirSea Battle* combinada. Por exemplo, o Comunicado Oficial de Defesa do Governo, de 2009 declara que em anos vindouros a Austrália reforçará a capacidade militar. Especificamente, o governo australiano "comprometeu-se a verdadeiro aumento do orçamento de defesa de 3 por cento em 2017-18 e 2.2 por cento de crescimento homólogo logo após, até 2030"[18] Em 2010, o gasto militar australiano alcançou novo patamar de 24 bilhões de dólares, com a classificação de 13º mundial.[19] Um dos assessores australianos para o Comunicado Oficial de Defesa de 2009, Professor Ross Babbage, sugere ainda que além de ataques militares, as nações aliadas também devem lançar "ampla campanha anti-



Linha de Comunicação Marítima da China. (Adaptado de Jan van Tol com Mark Gunzinger, Andrew Krepivenich e Jim Thomas, *AirSeaBattle: Point-of-Departure Operational Concept [Washington DC: Center for Strategic and Budgetary Assessments*, 2010], 77, http://www.csbanonline.org/wp-content/uploads/2010/05/2010.05.18-Air Sea-Battle.pdf

mercantil" contra a China, rompendo as transações monetárias e comerciais, especialmente estrangulando seu acesso à energia e matéria-prima da Europa e Oriente Médio e, se necessário, interditando suas frotas "em lugares longínquos, tais como nos estreitos marítimos do sudeste da Ásia". Isso resultaria, como sugere o autor do livro, "em dano seriíssimo à economia chinesa e, aliás, riscos fundamentais à elite governamental, propriamente dita".[20] Embora essa predição mereça sério exame. A economia australiana também sofreria grande de-

preciação, devido a essas ações. Conduto, o ponto de vista de Babbage sugere que o conceito *AirSea Battle*, juntamente com sua hostilidade disfarçada para com a China, vem obtendo o apoio dos aliados asiáticos dos Estados Unidos.

A Austrália nunca deixou clara sua posição em caso de possível conflito EUA-China. Por um lado, expressou apreensão acerca da expansão da China, como mencionou, explicitamente, o Comunicado Oficial do Governo de 2009. Também no *Communiqué* Conjunto *AUSMIN* 2010 *[Australia-United States Ministerial Consultations]* assinado pelos Ministros de Defesa dos EUA e da Austrália em novembro de 2010, as duas nações comprometem-se a maior cooperação marítima e ciberaeroespacial. A Austrália permitirá maior número de dependências norteamericanas em seu território e permitirá aos Estados Unidos maior uso de portos, bases e outras dependências.[22] O Ministro de Defesa da Austrália confirmou que em junho de 2010, uma equipe especial da Força Aérea norteamericana foi aos Norte da Austrália, a fim de inspecionar "a Base super-secreta Harold E. Holt em Exmouth" para possível expansão do espaço norteamericano "vigilância dos satélites e submarinos chineses".[23] Por outro lado, quando confrontada acerca das circunstâncias sob as quais "a Austrália poderia dizer não aos Estados Unidos, quando se tratar de certo tipo de situação militar na Ásia Oriental ou área do Pacífico Asiático" o Ministro de Defesa da Austrália, Stephen Smith respondeu: "Eu deixei claro em meu discurso que a Austrália permaneceu ombro a ombro com os Estados Unidos, em todos os conflitos, desde a Segunda Guerra Mundial (. . .) mas toda vez que tomamos a decisão de travar guerra, levamos em consideração o total interesse da Austrália e da segurança nacional".[24]

Além do mais, deve-se notar que o Comunicado Oficial de Defesa de 2009 da Austrália adota posição similar referente ao assunto: "O Governo reconhece que a Austrália pode e deve desempenhar função para auxiliar os Estados Unidos a solucionar dificuldades de segurança regional e global (. . .) No entanto, nunca devemos nos colocar em posição onde o preço de nossa própria segurança é a obrigação de colocar

tropas australianas em risco em teatros distantes de guerra, onde nossos interesses diretos não estiverem em jogo".[24] Como indica essa diretriz, estrategicamente, a Austrália ainda está hesitando acerca do curso a tomar. Ainda pergutam: Será que o país deve continuar a depender dos Estados Unidos para sua segurança e aquela da região? Que deve fazer para fortalecer a capacidade de defesa própria, desenvolvendo força moderna e auto-suficiente?

Sim, é verdade que os australianos suspeitam e, em certos casos, não gostam da China. Não importa. Também estão bem cientes do aumento de importância da China para a economia australiana.

Outro dilema surge quando o governo australiano deseja permanecer ombro a ombro com os Estados Unidos, mesmo que não esteja seguro de que o irmão mais velho continuará a dominar o Pacífico Ocidental nos próximos 20 anos. Do mesmo modo, deseja fortalecer a cooperação militar com os EUA, mas encara dois obstáculos: quase metade da população está oposta à grande presença militar dos EUA em seu solo (55% a favor, 43% contra, onde o apoio sólido é de 20% e a oposição sólida é de 22%).[21] O Partido Trabalhista, atualmente no poder, parece não estar tão entusiasmado em deixar que as tropas norte-americanas permaneçam na Austrália. Pode ser que sua decisão será a de apoiar tanto a China como os Estados Unidos para que em conjunto transformem a ordem regional ou pode decidir a fazer com que os Estados Unidos permaneçam como o poder dominante. De qualquer modo, a decisão resultará em inferências estratégicas significativas, tanto para a China como para os Estados Unidos, bem como para toda a região. Levando tudo isso em conta, a China deve prestar muita atenção à tendência da estratégia de defesa australiana, e ao desenvolvimento da cooperação Austrália-EUA.

Sugestões às Autoridades Competentes Chinesas

Este artigo sugere que as autoridades competentes devem adotar abordagem trifásica—curto, médio e longo prazos—a fim de mediar as dificuldades estratégicas que encaram no Pacífico Ocidental.

Curto prazo

Em primeiro lugar, a China deve abster-se de tomar medidas que possam fazer com que a tensão acerca do SCS escale a conflitos militares. Enquanto isso, deve persistir em solucionar as disputas pertinentes através de negociações bilaterais e não multilaterais, e em todos os casos evitar que sejam internacionalizadas. A China não interfere em assuntos internos de outras nações. No entanto, também não permite que terceiros interfiram em negociações bilaterais entre a China e vizinho rival, no que tange disputas territoriais. A tendência recente indica que os Estados Unidos ou nações membros da Associação de Nações Asiáticas *[Association of Southeast Asian Nations – ASEAN]* poderão propor negociações bilaterais *ASEAN*-China ou negociações multilaterais com a participação dos Estados Unidos. Se assediada com tais propostas, a China tentará desviar a pressão através de canais econômicos e diplomáticos. Por exemplo, incentivaria as nações *ASEAN* mais amistosas (Burma, Camboja, etc.) a apresentar contra-propostas. Através de todos os meios diplomáticos e econômicos necessários, tentaria persuadir a Austrália a manter a cooperação militar com os Estados Unidos dentro do escopo apropriado, não indo demasiado longe para vir a ser parte da *AirSea Battle*. O fato de que a Austrália consentiu recentemente a "aumento significativo da rotação de Fuzileiros Navais norteamericanos pelas Barracas Robertson da Austrália *[Robertson Barracks]* parece indicar que a Austrália optou em entrar em parceria com os EUA na *AirSea Battle,* supostamente projetada contra a China.[27] Esta última, já em situação passiva, deveria fazer o melhor uso da garantia da Austrália de que a aliança militar Austrália-EUA não está com a China em mira. Além do mais, a China deve propor ou concordar com as propostas feitas acerca de exercícios militares conjuntos com a Aus-

trália – como gesto de boa vontade e meio de manter a situação sob controle.

Meio Termo

A China deve preparar a estratégia, levando em conta o médio e longo prazos da perspectiva de anti-*AirSea Battle*. Por exemplo, o termo "cegar", mencionado continuamente no conceito de *AirSea Battle*, supostamente é a tática mais favorecida pelas forças militares norteamericanas para ganhar a iniciativa. A fim de opor esta tentativa o *PLA* deveria aumentar a proteção de rede de informática e comunicação, juntamente com salvaguardas redundantes. Isso irá assegurar que o *PLA* aguentará a primeira onda de ataques sem ficar "cego". Por exemplo, o bloqueio da Marinha Real Britânica durante a Primeira Guerra Mundial talvez sirva de inspiração às forças norteamericanas para interromper as linhas de transporte marítimo "com o fito de exercer maior pressão na economia chinesa e eventualmente estresse interno".[28] A fim de combater tal problema, a China deveria aumentar a relação com os países da Ásia Central para obter suprimento de petróleo e gás. Pode ainda reconstruir a "Rota da Seda" (rota terrestre ao longo da qual a China iniciou o comércio com os países da Ásia Central e do Sul durante o Século I), fazendo dela importante "via terrestre de comunicação" ou "*quintal* seguro". O principal é continuar a relação íntima com Burma e Paquistão. Essa abordagem compreensiva eficazmente dissolverá a "pressão interna" causada pelo bloqueio marítimo. De fato, a China vem colocando em prática esta estratégia de longo termo, alcançando já grande progresso. Nas últimas três décadas, a China não deixou de desenvolver cooperação econômica com as nações da Ásia Central, Paquistão e Burma, construindo ferrovias e auto-estradas através de fronteiras, bem como estabelecendo oleodutos e gasodutos. A relação entre o Paquistão e os Estados Unidos, profundamente danificada após a captura de Bin Laden e a recém morte de uma dezena de soldados paquistaneses atingidos pelos helicópteros e jatos da OTAN [111], proporcionou ainda outra oportunidade à China.[29] Ao aproveitar

tal oportunidade, preenchendo o vácuo, os chineses manterão o tradicional aliado mais firmemente a seu lado.

Longo Prazo

A China deveria continuar sua participação ativa em operações patrocinadas pelas organizações internacionais. Seguindo o exemplo dos Estados Unidos, através de atividades de manutenção de paz, anti-terrorismo, combate à pirataria e assistência humanitária, o *PLA* obterá experiência valiosa em operações no exterior, essenciais ao fortalecimento de seu poder aeromarítimo. Pode também explorar a crise econômica global contínua e aproveitar a chance de arrendar e remodelar portos estrangeiros em locais estratégicos, bem como aumentar a cooperação militar com os aliados tradicionais. Um exemplo recente teve a ver com a proposta de estabelecer uma base para combate à pirataria em Seychelles. Deve também incluir na equação algumas outras nações, tais como a Indonésia, Mauritius e Fiji. Além de assistência econômica, faria bem em considerar como estabelecer cooperação militar com esses países. A possibilidade de construir Base Naval ou dependência de Inteligência, Vigilância e Reconhecimento – *ISR* em algum lugar ao longo do caminho. Em suma, deve possuir via segura de comunicação marítima (denominada Colar de Pérolas) do Mar da China Meridional até o Oceano Índico. Ao analisar, minuciosamente, as forças norteamericanas, tanto pontos fortes como vulnerabilidades, aumentando, ao máximo, as vantagens próprias, a China terá a chance to evitar a derrota em conflito futuro.

A vigilância australiana, até certo ponto, é impulsionada pela aquisição agressiva de seus recursos por parte da China. Deve desviar os investimentos em matéria-prima á outras regiões e países. Os benefícios são duplos: reduzir o risco de grande dependência em poucas fontes de suprimento e fazer com que as nações, como a Austrália, compreendam que os interesses nacionais são, frequentemente, recíprocos. O mesmo tipo de tentativas deve ser exercido para desenvolver confiança mútua e reduzir a suspeita, através de maior frequência de diálogo e

intercâmbio cultural. Da mesma forma que o discurso do Ministro de Defesa da Austrália no *Brookings* e o Comunicado Oficial do Governo de 2009 advertiram: A China deve aumentar a "transparência e ser mais franca em relação à capacidade e doutrina estratégica".[30] Deve aumentar a aproximação e o engajamento, explicando de forma persuasiva para que serve o aumento em orçamento de defesa, a fim de estabelecer confiança mútua e dirigir-se às apreensões de países vizinhos, próximos e distantes. Da mesma forma que a Austrália faz preparativos há décadas – a longa e estratégica transformação da Ásia – da mesma forma a China deverá adotar uma estratégia a longo prazo para engajar a Austrália, por um lado, e pelo outro fazer com que perceba que a China está observando bem de perto seus preparativos estratégicos e cooperação militar com os Estados Unidos.

Para permanecer em acordo com os países da Ásia Ocidental, deve continuar a fazer uso de sua mestria política e econômica, inclusive empregar plataformas regionais ou bilaterais de assessoria, desenvolvendo mecanismos de prevenção. A *Shanghai Cooperative Organization* é bom modelo, o que a China pode empregar para demarcar jurisdições similares para a resolução de diversas disputas. Além do mais, através de expressões diplomáticas explícitas, deve assegurar-se de que as nações vizinhas claramente compreendem seus princípios e interesses básicos, aqueles que não devem ser violados. Ao mesmo tempo, deve, como já o faz, permanecer determinada a defender esses princípios e interesses, por intermédio de todos os meios possíveis, inclusive força, se necessário. A China não deve prestar muita atenção a comentários negativos acerca de aumento de orçamento de defesa. Um orçamento de defesa de aproximadamente 2% do PIB nacional é ínfimo, em particular quando comparado à *per capita* ou ao orçamento de defesa gigantesco dos EUA. Nos próximos anos, poderá gradativamente aumentá-lo a 3% do PIB e manter esse nível apropriado. Eventualmente, uma versão chinesa da "Doutrina de *Monroe*" deve ser introduzida em suas diretrizes estrangeiras, para afastar a "esfera de controle/influência" norteamericana da periferia do país.

Conclusão

Tanto os EUA, como a Austrália, deixaram bem claro que a *AirSea Battle* em si, não é estratégia vitoriosa. A derrota da China, por intermédio de guerra, dependerá, em grande parte, em dissolução econômica e psicológica interna. Da mesma forma que os EUA acreditam que cerrar a via de comunicação marítima da China diminuirá o ritmo de sua economia, o que por sua vez criará desordem interna, a China está convencida de que deve reduzir sua dependência em comércio estrangeiro, ao mesmo tempo aumentando a oferta e procura domésticas. Fundamentalmente, a estabilidade econômica e política interna será crucial, a fim de abater qualquer bloqueio ou intervenção militar percebida ou planejada. ✪

Notas:

1. John Pomfret, "Beijing claims 'indisputable sovereignty' over South China Sea" The Washington Post, July 31 2010, http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2010/07/30/AR2010073005664.html
2. 陶社兰, "陈炳德：中国能处理南海问题 美国不必操心," 中国新闻网, July 11, 2011. http://www.chinanews.com/gn/2011/07-11/3173918.shtml
3. Andrew F. Krepinevich, Why AirSea Battle? (Wahshington D.C: Center for Strategic and Budgetary Assessments, 2010), 2, http://www.csbaonline.org/wp-content/uploads/2010/02/2010.02.19-Why-AirSea-Battle.pdf.
4. Hillary Rodham Clinton, Secretária de Estado (discurso, Centro Nacional de Convenções [National Convention Center], Hanoi, Vietnã, 23 julho, 2010, Hanoi, Vietnam, http://www.state.gov/secretary/rm/2010/07/145095.htm.
5. Ver Jan van Tol com Mark Gunzinger, Andrew Krepinevich e Jim Thomas, AirSea Battle, A Point-of-Departure, Operational Concept (Washington D.C: Center for Strategic and Budgetary Assessments, 2010), 16, 37, http://www.csbaonline.org/wp-content-/uploads/2010/05/2010.05.18-AirSea-Battle.pdf.
6. Ross Babbage, Australia's Strategic Edge in 2030, Kokoda Paper no. 15 (Kingston, Australia: Kokoda Foundation, February 2011), vi, http://www.kokodafoundation.org/Resources/Documents/KP15StrategicEdge.pdf.
7. Secretário de Defesa, Robert M. Gates (observações Gaylord Convention Center, National Harbor, Maryland, 3 May 2010, <http://www.defense.gov/speeches/speech.aspx?speechid=1460.
8. Nicole Gaouette, "Gates Says U.S. to Increase Asia Military Presence, Australia Defense Ties," Bloomberg, 7 November 2010, http://www.bloomberg.com/news/2010-11-08/gates-says-u-s-to-increase-asia-military-presence-australia-defense-ties.html.

9. Laura Meckler, "Obama, on Australia Visit, Says U.S. Will Expand Its Presence in Region", Wall Street Journal, 17 November 2011, http://www.online.wsj.com/article/SB10001424052970204190504577041052487222124.html.

10. "Bush Hails 'Sheriff' Australia", BBC News, 16 October 2002, http://news.bbc.co.uk/2-/hi/3196524.stm.

11. Hon. Stephen Smith, Australian Minister for Defense, "The Coming Asia-Pacific Century: What it Means for the Australia-U.S. Alliance" (observações, Brookings Institution, Washington DC, 27 July, 2011), 15, http://www.brookings.edu/-/media/Files/events/0727_asia_pacific/20110727_australia.pdf.

12. Department of Defense, Defending Australia in the Asia Pacific Century: Force 2030 (Commonwealth of Australia: Department of Defence, 2009), http://apo.org.au/sites/default-/files/defence_white_paper_2009.pdf.

13. Daniel Flitton, "Rudd the Butt of WikiLeaks Exposé," Sydney Morning Herald, 6 December 2010, http://www.smh.com.au/technology/security/rudd-the-butt-of-wikileaks-expos-20101205-18f2.html.

14. Sam Bateman e Anthony Bergin, Sea Change: Advancing Australia's Ocean Interests (Barton: Australian Strategic Policy Institute, March 2009, 11, http://www.aspi.org.au/html-ver/ASPI_Seachange/_lib/pdf/ASPI_Seachange.pdf.

15. Fergus Hanson, Australia and the World Public Opinion and Foreign Policy (Sydney: Lowy Institute for International Policy, 2011), 11, http://www.lowyinstitute.org/Publication.asp?pid=1617.

16. van Tol et al, AirSea Battle, xi.

17. Department of Defence, Defending Australia, 12.

18. Ibid, 137.

19. SIPRI, SIPRI Yearbook 2011: Armaments, Disarmament and International Security (Stockholm: Stockholm International Peace Research Institute, 2011), 183.

20. Babbage, Australia's Strategic Edge, 51-52.

21. Department of Defence, Defending Australia, 34

22. Joint Communiqué, Australia-United States Ministerial Consultations 2010, Melbourne, 8 November 2010, http://www.foreignminister.gov.au/releases/2010/AUSMIN-Joint-Communique.pdf.

23. Andrew Probyn e Nick Butterly, "Nation´s Military Moved West in Defence Plan," West Australia, 22 June 2011, http://au.news.yahoo.com/thewest/a/-newshome/9684935/naions-military-moved-west-in-defence-plan.

24. Smith, "The Coming Asia-Pacific Century," 30, 31.

25. Department of Defence, Defending Australia, 47.

26. Hanson, Australia and the World, 10.

27. "US Bases in Australia," Australian Anti-Bases Campaign Coalition, acessado em 18 Julho de 2011, http://anti-bases.org/campaigns/NMD_PineGap/Map_of__US_Military_Bases_in_Australia.html.

28. van Tol et al, AirSea Battle, 52,52.

29. "Pakistan Demands US Vacate Air Base after Deadly Strikes," msnb.com, 27 November 2011, http://www.msnbc.com/id/45442885/ns/world_news-south_and_central_asia/t/pakistan-demands-us-vacate-air-base-after-deadly-strikes/.

30. Smith, "The Coming Asia-Pacific Century," 27.